



**CURSO DE PSICOLOGIA**

**TIFFANY BASTOS SHIMABUKURO DE MENEZES**

**A ARTETERAPIA COMO FORMA DE ENFRENTAMENTO AS  
DESIGUALDADES DE GÊNERO E OS PAPÉIS SOCIAIS DE GÊNERO  
VOLTADOS PARA A MULHER**

**FORTALEZA**

**2021**

**TIFFANY BASTOS SHIMABUKURO DE MENEZES**

**A ARTETERAPIA COMO FORMA DE ENFRENTAMENTO AS  
DESIGUALDADES DE GÊNERO E OS PAPÉIS SOCIAIS DE GÊNERO  
VOLTADOS PARA A MULHER**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial à  
obtenção do título de Bacharel em  
psicologia pela Faculdade Ari de Sá.

Orientador: Prof. Dr. Beatriz Sernache de  
Castro Neves  
Coorientador: Prof. Dr. Caio Monteiro Silva

Aprovado(a) em: 20/12/2021

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Beatriz Sernache de Castro Neves  
Faculdade Ari de Sá

---

Prof. Dr. Caio Monteiro Silva  
Faculdade Ari de Sá

---

Prof. Me. Karine Lima Verde  
Faculdade Ari de Sá

# **A ARTETERAPIA COMO FORMA DE ENFRENTAMENTO AS DESIGUALDADES DE GÊNERO E OS PAPÉIS SOCIAIS DE GÊNERO VOLTADOS PARA A MULHER**

Tiffany Bastos Shimabukuro de Menezes  
Orientador: Prof. Dr. Beatriz Sernache de Castro Neves  
Coorientador: Prof. Dr. Caio Monteiro Silva

## **RESUMO**

Gênero é tido como a forma que a sociedade lida com os corpos dos indivíduos e as consequências disso de forma individual e coletiva, a partir disso, as construções sociais do que fica direcionado para cada gênero leva a uma desigualdade entre eles. Essa desigualdade pode ser comprovada a partir de elementos como a desigualdade salarial, em que mulheres chegam a ganhar quase 40% menos que os homens, além de terem um maior índice de serem vítimas de violência sexual e sofrerem com o feminicídio, onde são mortas por estarem na condição de mulher. Essas questões relacionadas com a desigualdade de gênero ocorrem ainda na contemporaneidade (que é voltada para mudanças e avanços), e perpassam a vida das mulheres, prejudicando e direcionando as mesmas com a forma de viver diariamente. Portanto, devido a uma necessidade de modificação dessa realidade, esse trabalho tem como objetivo explorar as potencialidades da arteterapia como instrumento de caráter terapêutico e de elaborações de vivências para enfrentamento da desigualdade de gênero. Para isso, foi realizado uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo exploratório, tendo como base artigos científicos, monografias, teses, livros, jornais e documentos públicos brasileiros encontrados nas plataformas digitais: Google Acadêmico e Scielo, para responder a hipótese voltada para a potencialidade de intervenção da arteterapia em relação as questões atreladas as desigualdades de gênero e os papéis sociais de gênero voltados para as mulheres na sociedade contemporânea. Foram realizadas pesquisas utilizando descritores que contribuíram para direcionar leituras que abordassem a temática que contribuíssem para o entendimento dessa hipótese e o desenvolvimento de uma escrita apontando os achados. A partir dos referencias utilizados, foram produzidos capítulos que abordaram uma introdução a arteterapia e como a mesma foi desenvolvida; o papel da mídia em relação a perpetuação das desigualdades de gênero e os papéis de gênero voltadas para as mulheres (como os afazeres doméstico e os cuidados dos filhos tidos como responsabilidade das mulheres), em uma sociedade marcada pelo patriarcado e a objetificação; uma explanação do potencial da arteterapia em trabalhar diversas questões; e uma exploração de técnicas da arteterapia (sendo desenvolvido melhor as de colagem e pintura) e suas potencialidades, que podem ser trabalhadas de forma individual e em grupo, sendo esse último formato melhor explorado. Para mais, é obtida uma conclusão voltada para a afirmação da possibilidade da atuação da arteterapia tida no objetivo principal desse artigo de intervenção nas questões relacionadas ao gênero, sendo observada uma potencialidade em utilizar do material teórico desse trabalho para construir e realizar intervenções.

**Palavras-chave:** Desigualdade de gênero. Mulher. Papéis sociais de gênero. Arteterapia.

## **ABSTRACT**

Gender is seen as the way society deals with the bodies of individuals and the consequences of this in an individual and collective way, from this, the social constructions of what is directed to each gender leads to inequality between them. This inequality can be proven by elements such as wage inequality, in which women earn almost 40% less than men, besides having a higher rate of sexual violence and suffering feminicide, where they are killed for being a woman. These issues related to gender inequality still occur in contemporaneity (which is geared towards changes and advances), and permeate the lives of women, harming and directing them with the way they live on a daily basis. Therefore, due to a need to change this reality, this work aims to explore the potential of art therapy as a therapeutic tool and to elaborate experiences to face gender inequality. For this, a bibliographic review of qualitative exploratory nature was carried out, based on scientific articles, monographs, theses, books, newspapers and Brazilian public documents found in digital platforms: Google Scholar and Scielo, to answer the hypothesis focused on the potential of intervention of art therapy in relation to issues related to gender inequalities and the social roles of gender for women in contemporary society. Research was carried out using descriptors that contributed to direct readings that approached the theme and contributed to the understanding of this hypothesis and the development of a writing pointing out the findings. From the references used, chapters were produced that approached an introduction to art therapy and how it was developed; the role of the media in relation to the perpetuation of gender inequalities and the gender roles for women (such as domestic chores and childcare, considered women's responsibility), in a society marked by patriarchy and objectification; an explanation of the potential of art therapy to work on several issues; and an exploration of art therapy techniques (the collage and painting techniques are better developed) and their potentialities, which can be worked individually and in groups, the latter format being better explored. Furthermore, a conclusion is obtained focused on the affirmation of the possibility of the performance of art therapy taken in the main objective of this article of intervention in issues related to gender, being observed a potentiality in using the theoretical material of this work to build and carry out interventions.

**Keywords:** Gender inequality. Women. Social gender roles. Art therapy.

## 1 INTRODUÇÃO

A vivência do papel da mulher na sociedade contemporânea é acarretada de diversas questões, muitas delas desafiadoras e de caráter negativo, que acometem diretamente nas formas de pensar, agir, falar, se portar, entre outros elementos que as afetam desde o nascimento até o fim da vida. Segundo Finco (2008), meninas são educadas desde pequenas para expressarem o que é esperado de seus corpos, devem passar por um processo de feminilização, se tornarem “mocinhas”, de forma a reprimir a agressividade, exibir delicadeza, organização, um comportamento quieto, meigo e obediente.

Ademais, atrelada a essas questões relacionadas ao gênero feminino, é possível refletir em como a desigualdade em relação ao gênero masculino agrava questões desafiadoras para as mulheres, como temáticas que serão desenvolvidas ao longo do texto, podendo citar: violências sexuais e o feminicídio na perspectiva do Código Penal Brasileiro (BRASIL, 2017). Faz-se necessário então, uma discussão preliminar acerca da categoria “gênero”, visto que para falar sobre as diferenças entre os gêneros femininos e masculinos, é importante entendermos do que se trata essa categoria.

Segundo Connel e Pearse (2015), gênero em sua definição mais comum, diz respeito a distinção cultural entre homens e mulheres, nessa definição existe uma enfática dicotomia em foco, porém existem pontos que contestam essa definição, podendo citar: os seres humanos não se dividem em apenas dois tipos; uma definição voltada para diferenças subentende que a falta das mesmas torna o gênero inexistente; faz-se importante apontar ainda, estudos que mostram apenas pequenas diferenças psicológicas entre mulheres e homens. Para mais, o que essa definição do senso comum tem de errada, é a tentativa de colocar a complexa diversidade biológica em uma dicotomia engessada, e o pensamento de que aspectos engessados culturais apresentariam somente distinções do corpo (CONNELL; PEARSE, 2015).

A mudança de foco voltado para as diferenças para um enfoque nas relações, contribui então para um melhor entendimento, pois sobretudo, o gênero é voltado para relações sociais em que pessoas e grupos atuam, além de que a conservação de padrões fortemente disseminados em relações sociais é intitulada “estrutura” segunda a teoria social, portanto o gênero pode ser visto como uma estrutura social (CONNELL; PEARSE, 2015). Então o gênero segundo Connel e Pearse (2015), não

é uma demonstração biológica, nem uma questão dicotômica da vida humana, é um padrão dos formatos sociais, e as tarefas do dia a dia são desenvolvidas através desse padrão.

De acordo com Connel e Pearse (2015), a sociedade busca lidar com os corpos através de processos de distinções e reproduções, não havendo uma forma fixa para o funcionamento do gênero, porém os corpos são designados para processos sociais, onde a condução social lida com as distinções reprodutivas. Portanto, “gênero diz respeito ao jeito com que as sociedades humanas lidam com os corpos humanos e sua continuidade e com as consequências desse “lidar” para nossas vidas pessoais e nosso destino coletivo” (CONNELL; PEARSE, 2015, p.48).

Portanto, entendendo que existe uma imposição social que acaba por marcar os gêneros feminino e masculino, é possível apontar uma desigualdade entre os gêneros, que pode ser percebida a partir dos lugares sociais distintos em que homens e mulheres ocupam na sociedade. Dito isso, pode-se apontar alguns exemplos onde essa desigualdade entre os gêneros se expressa, como a desigualdade salarial no desempenho do trabalho da mulher comparado com os homens, pois é sabido que as mulheres ganham 77,7% do que ganham os homens. A diferença é ainda mais acentuada em relação aos cargos como diretores e gerentes, sendo de 61,9% dos salários recebidos por homens, segundo dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística referentes ao ano de 2019 (CNN, 2021).

Para mais, os dados apurados de feminicídio no primeiro semestre de 2020 foram de 648 mortes segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (BRASIL, 2020). Infelizmente existe a ocorrência desse número considerável de mortes decorrentes de um crime que se classifica segundo o Código Penal Brasileiro, como um homicídio voltados para condições do gênero feminino, que é quando está relacionado com violência doméstica e familiar e menosprezo ou discriminação à condição de mulher (BRASIL, 2017). Em outras palavras, é a morte decorrente do simples fato de ser mulher e das características atreladas ao feminino, sendo esse feito, um dos representantes que destaca como o gênero atravessa as relações na sociedade e na vida dos indivíduos.

Além disso, outro dado significativo é o da quantidade de violências sexuais ocorridas no Brasil, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, ocorre um estupro a cada 8 minutos (BRASIL, 2020). “Em linhas gerais, a violência sexual pode

ser definida como qualquer ato ou contato sexual onde a vítima é usada para a gratificação sexual de seu agressor sem seu consentimento” (BRASIL, 2020, p. 132 e 133).

Faz-se necessário lembrar que grande parte dessas violências ocorrem com mulheres, o que afeta diretamente a forma de se portarem cotidianamente. Como é apontado em uma matéria publicada pelo portal G1 de notícias, 1,2 milhões de pessoas foram vítimas de violência sexual, apenas no período de doze meses antecedentes as entrevistas realizadas em 2019 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde, dentre as vítimas, 72,7% eram mulheres (FIGUEIREDO, 2021).

Os dados acima nos ajudam a explicar questões que influenciam no comportamento e no processo emocional das mulheres, como o temor de andarem sozinhas em determinados locais devido a possibilidade de se tornarem vítimas dessa violência sexual, além de questões como não poderem se portar do jeito que querem, falar ou usar livremente roupas de suas escolhas, não sem ter como resultado o medo do impacto que será causado relacionado as ações contrapostas de como serão tratadas, além do receio de passarem por uma avaliação moral.

É imprescindível citar ainda, que essa avaliação vem não só de homens, como também de outras mulheres, que estão acentuadamente emergidas na ótica da sociedade, levando a reproduzirem preconceitos e conteúdos, muitas vezes sem se questionarem sobre, mesmo que esses atinjam a si mesmas negativamente, devido ao machismo enraizado na sociedade. O que acontece é que mulheres acabam por se apropriar da fala de seus próprios opressores, repetindo preconceitos e opressões em sua relação com outras mulheres (NEUKIRCHEN, 2017).

Pois afinal, todos somos perpassados pelo machismo que permeia nossa sociedade há tempos. Desde a infância, homens e mulheres são submetidos a relações que não dependem exclusivamente de suas vontades e que acabam por formar suas consciências. Ao passo que meninos por vezes se sentem superiores pelo ponto de vista de serem os “machos”, em contrapartida existe uma considerada inferioridade em ser menina (DRUMONT, 1980).

Essa realidade perpassada pelo machismo que é voltada para o desencadeamento de medos, inseguranças e injustiças vividas pelas mulheres ocorre até agora no contexto contemporâneo, mesmo após diversos avanços e conquistas

ao longo do tempo. Tendo em vista que a contemporaneidade diz respeito a uma experiência de tempo, onde existem modificações de elementos e críticas as tradições (SILVA, 2021). Pode se dizer que a contemporaneidade é marcada por mudanças, trazendo isso para a realidade da desigualdade de gênero que temos como foco, é alarmante que mesmo nesse período de transformações, ainda se perduram essas questões.

Para mais, é inegável que embora tenham ocorrido avanços na trajetória das mulheres na sociedade, como o reconhecimento do voto feminino no Código Eleitoral, a regulamentado do trabalho feminino, a participação das mulheres na esfera pública e a mudança das tarefas desenvolvidas que não mais se limitam apenas aos trabalhos dentro de casa (CARVALHO, 2011), ainda existe a questão de que

Ter a liberdade de participar mais ativamente do mercado de trabalho dá as mulheres possibilidades novas que antes não possuíam, mas isso não as descarrega da imagem feminina de cuidadora, mãe e esposa. O trabalho é apenas mais uma função adquirida e não uma mudança dos papéis já existentes (FREITAS, 2016, p. 26-27).

Além disto, ainda existem questões que destacadamente apresentam condições que revelam as diferenças na ordem social e que apresentam consequências para as formas de vida na contemporaneidade em sua distinção pelos papéis de gênero.

Dessa forma, é visto que a desigualdade de gênero pode acarretar impactos extremamente negativos, como a perpetuação da violência contra a mulher que segundo Colares (et al), acontece devido a ideologia machista arraigada na sociedade que é reproduzida por meios de socialização. Sendo esse machismo um “sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher” (DRUMONT, 1980, p.1).

Essa violência é não apenas física, como psicológica também. Ademais, dentre as violências que afetam a saúde psicológica das mulheres, pode se citar a violência doméstica, que deixa em evidencia “um problema social e de saúde pública, que afeta a integridade física e psíquica da mulher, além de constituir uma flagrante violação aos direitos humanos (FONSECA; LUCAS, 2006, p.3)”. Tendo essas questões citadas, como imprescindíveis para serem trabalhadas, é fundamental então, pensar e arquitetar formas de modificar esse cenário.



Sendo assim, é possível citar um recurso de grande potencial transformador, sendo esse a arteterapia, que pode ser pensado como um meio de atuação voltada para as problemáticas trazidas. A arteterapia se trata de um mecanismo terapêutico que utiliza de diversos elementos de cunho artístico para tratar e proporcionar desenvolvimento pessoal segundo a Sociedade Portuguesa de Arte-Terapia (MARTINS, 2012).

Ademais, sendo a arteterapia um elemento presente nessa sociedade contemporânea em que vivemos, se enquadra como o objetivo principal desse trabalho, explorar as potencialidades da arteterapia como instrumento de caráter terapêutico e de elaborações de vivências para enfrentamento da desigualdade de gênero. Já como objetivos específicos, temos: discutir a desigualdade de gênero na contemporaneidade; descrever o potencial terapêutico da arteterapia; discutir a arteterapia como recurso terapêutico no que se refere às questões de gênero.

## **METODOLOGIA**

Os seguintes escritos consistem em uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo exploratório, tendo como base artigos científicos, monografias, teses, livros, jornais e documentos públicos brasileiros (Código Penal Brasileiro e Anuário Brasileiro de Segurança Pública) encontrados nas plataformas digitais: Google Acadêmico e Scielo.

Esse trabalho foi desenvolvido a partir da formulação da hipótese relacionada a potencialidade de intervenção da arteterapia nas questões atreladas as desigualdades de gêneros (que podem ser observadas na desigualdade salarial e no número de assédios sexuais superior no gênero feminino) e aos papéis sociais de gênero voltados para as mulheres (podendo citar os afazeres doméstico e os cuidados dos filhos vistos como responsabilidade das mulheres), essas temáticas serão melhor desenvolvidas nos resultados e discussões.

Em seguida foram feitas pesquisas utilizando descritores que contribuíram para direcionar leituras que abordassem as temáticas relacionadas aos objetivos principal e específicos, esse descritores foram os seguintes: mulher e arteterapia, arteterapia e feminino, arteterapia e gênero e pesquisas direcionadas para gênero feminino, mulher, contemporaneidade, machismo, patriarcado, objetificação. Avançando para leituras de artigos científicos e livros que abordam as temáticas contempladas nas

hipóteses que melhor desenvolviam as temáticas, além de comparações e análise de dados de forma a desenvolver uma escrita para apontar os achados, expor ideias e pensamentos de forma embasada a partir das pesquisas realizadas.

Dessa forma, ao ter contato com esses escritos que abordam as temáticas, foi possível traçar reflexões voltadas para as mesmas e sobretudo uma relação entre elas, de forma a entender as possibilidades do uso da arteterapia como enfrentamento as questões relacionadas a desigualdade de gênero e aos papéis de gênero voltados para o papel da mulher na sociedade contemporânea.

Além disso, a pesquisa bibliográfica segundo GIL (2002), é feita a partir de materiais existentes, sendo a maior vantagem deste tipo de pesquisa, propiciar ao investigador o contato com uma vasta quantidade de conhecimentos, muito maior do que seria possível de ter interação caso investigasse sozinho. Além de que esse tipo de pesquisa possibilita o contato com questões ocorridas no passado, o que se fez necessário para esse escrito, como por exemplo na recapitulação histórica da utilização da arte relacionada com questões terapêuticas, até de fato a arteterapia se constituir enquanto especialização, como veremos nos resultados e discussões.

Ademais, esse trabalho refere-se a uma pesquisa qualitativa, que segundo Creswell (2010), utiliza de diversos pontos de vista filosóficos, táticas de investigação, critérios de coletas, avaliação e leitura dos dados de forma a se tratar de um processo contínuo que envolve reflexões sobre os materiais coletados, elaborando análises e registros ao longo do estudo. “Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma seqüência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório” (GIL, 2002, p.133), sendo esses os passos realizados para a elaboração desse texto.

Para mais, esse trabalho trata-se de uma pesquisa exploratória, entendendo que essa objetiva o aperfeiçoamento de pensamentos e descobertas de questões intuitivas além de que “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p.41). Utilizamos desse tipo de pesquisa então, devido o desejo de entender melhor o entrelaçamento das temáticas já citadas, de forma a vislumbrar intervenções com potencial transformador ambicionando prestar uma contribuição de ajuda no processo de resolução aos problemas trazidos ao longo desses escritos.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os escritos utilizados para essa produção são encontrados em sua maioria nos últimos 15 anos, o que mostra o crescimento dos debates realizados sobre as temáticas pesquisadas: contemporaneidade, desigualdade de gênero, papéis sociais de gênero voltadas para o papel da mulher na sociedade contemporânea e a arteterapia como possibilidade de enfrentamento.

São poucos os escritos existentes considerando as bases digitais do Google Acadêmico e Scielo, que fazem essa ligação entre a temática do gênero feminino com a arteterapia. Para além, algumas das publicações encontradas considerando as temáticas, são: a monografia intitulada “Feminino, silêncio e arteterapia” de Lidia Barbosa de Jesus, publicada no ano de 2013 para obtenção do título de especialista em arteterapia; e a monografia intitulada “O resgate do feminino através da Arte-Terapia” de Flávia Silveira Neves Mozer, publicada no ano 2010 para obter o grau de especialista em arteterapia em educação e saúde.

Para mais, para uma melhor compreensão de forma mais organizada e para facilitar a compreensão das temáticas que serão elaboradas, contemplaremos a seguir, subtópicos direcionados para: 3.1 uma introdução a arteterapia; 3,2 a relação da mídia com a perpetuação da desigualdade de gênero e dos papéis sociais de gênero voltados para as mulheres em uma sociedade marcada pelo patriarcado e a objetificação; 3,3 uma explanação do potencial da arteterapia em trabalhar questões relacionadas aos gêneros; por último, no ponto 3.4, será explorado o potencial de algumas técnicas contidas na arteterapia para trabalhar diversas questões, inclusive sobre a desigualdade de gênero e dos papéis sociais de gênero voltados para a mulher dentro de grupos.

#### **3.1 Arteterapia, uma breve introdução.**

Segundo Andrade, 1995 e Silveira, 2001 (apud REIS, 2014), entre os anos vinte e trinta Freud e Jung realizaram feitos que possibilitaram o surgimento da arteterapia com o passar do tempo. Freud (1856-1939), realizou observações direcionadas para artistas e suas criações, explorando ainda a manifestação do inconsciente com a interpretação das produções de arte. Já Jung (1875-1961), iniciou a utilização da arte junto da psicoterapia, acreditando que a criatividade relacionada a arte tinha um potencial curativo a partir da transformação de imagens inconscientes em simbólicas.

Entendia ainda, que as produções artísticas ecoavam o conteúdo simbólico do inconsciente individual e coletivo.

De acordo com Reis (2014), a arteterapia segundo a Associação Brasileira de Arteterapia se enquadra como uma especialização possível, para profissionais formados na área da saúde como fisioterapeutas, psicólogos e enfermeiros, tendo a possibilidade do enfoque clínico. Ademais, é uma alternativa de especialização também para profissionais das áreas da educação e artes.

Entretanto, é constatado que a arteterapia tem seu potencial terapêutico e existe uma relação que abrange o paciente que se encontra em uma posição de 'criador', o elemento artístico que é a 'criação' feita no *setting*, e o arte-terapeuta, onde são usados componentes como os de cunho imaginativo, simbólico e metafórico (MARTINS, 2012).

Além disso, a arteterapia se utiliza de diversos meios de linguagens, como a voltada para o som, o corpo, a literatura e a linguagem plástica, além de usar variados elementos expressivos como os musicais, poéticos, de dramatização, dança, pintura e modelagem. Para além, a arteterapia tem aplicabilidades diversas como de prevenir, avaliar, reabilitar a saúde, além de poder ser utilizada como ferramenta pedagógica educativa e de desenvolvimento, usando da criatividade dos indivíduos de forma a proporcionar saúde e qualidade de vida (REIS, 2014).

A arte é afinal um dispositivo que aumenta as oportunidades dos indivíduos de se expressarem, indo para além do uso da linguagem verbal, tendo a vantagem da obtenção de manifestações emocionais mais diretas devido à falta de racionalização do processo, o que ocorre com o discurso verbal. Aliás, é possível inferir o potencial da arte em incentivar o conhecimento de si próprio e de acarretar mudanças de forma subjetiva, além de que a arteterapia pode ser usada para trabalhar diversas questões e objetivos (REIS, 2014).

É importante salientar ainda, que as práticas de arteterapia precisam de um ambiente propício, de forma a incentivar a elaboração de traços, texturas, contornos e colorações, sem que haja uma preocupação estética, pois apenas assim essas elaborações são consideradas como expressivas, podendo manifestar sentimentos vividos ou mesmos contidos na psique do sujeito (JESUS, 2013). Para mais, a utilização da arteterapia faz-se reconhecer a relevância do desenvolvimento criativo

de modo a apaziguar conflitos emocionais, além de ajudar no processo de autoconhecimento e crescimento próprio (ARCURI, 2004). Além de que:

Configura-se como um eficaz meio para canalizar, de maneira positiva, as variáveis do adoecimento mental em si, assim como os conflitos pessoais e com familiares. Nota-se que há uma minimização dos fatores negativos de ordem afetiva e emocional (COQUEIRO; VIEIRA; FREITAS, 2010, p.862)

### **3.2. Papéis sociais das mulheres, uma questão atravessada pelo patriarcado e a objetificação, e o papel da mídia nesse contexto.**

O patriarcado é tido como um meio de organização social em que “as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens” (NARVAZ; KOLLER, 2006, p.5). Ademais, é visto que na sociedade atual ainda se permeiam esperados papéis sociais do gênero feminino, e esses estão relacionados diretamente ao patriarcado e como ele se faz presente na sociedade.

Segundo Moreno (1999), os modelos de comportamento são passados pelas gerações, sendo tidas como verdade, compartilhados por grande parte dos indivíduos e disseminado como algo natural, sem que seja necessária nenhuma explicação. Para além, é possível apontar exemplos de questões relacionadas a esses papéis sociais de gênero direcionados para as mulheres na sociedade, como o ideal de corpo, que é o padrão fortificado e divulgado pela mídia que se introjeta de forma coletiva.

Pressões estéticas ocorrem com ambos os gêneros, porém o diferencial é que o voltado para as mulheres é perpassado ao desejo e satisfação masculina, o que é mais um apontador do patriarcado. Segundo Miranda (2010), em uma análise de propagandas em que a característica principal é destacar uma forma de beleza feminina que caso seguida, vem seguida de garantias de felicidade. A autora realiza interpretações a esses conteúdos midiáticos, que apontam um controle do olhar do homem para a formação do padrão feminino, que quer agradar e despertar o desejo masculino, demonstrando a subordinação hierárquica apontada pelo patriarcado.

A reprodução de estereótipos que ocorre na mídia desde anúncios publicitários, matérias tendenciosas, novelas, até programas de auditório, entre outros, contribui para a formação do imaginário masculino que não corresponde à realidade das mulheres, mas reflete como a sociedade patriarcal enxerga e atribui papéis às mulheres (SOUSA; SIRELLI, 2018, p.333).

Segundo Sousa e Sirelli (2018), esse padrão refere-se a mulher branca, com corpo magro e cabelos lisos, porém, tendo em vista os múltiplos produtos e processos direcionados para a beleza ofertados na sociedade, ocorre demasiadamente que mesmo as mulheres que se encontram nesse padrão entendem que ainda existe algo que pode ser modificado para atingir a “beleza ideal” e a felicidade, que muitas vezes é vendida como diretamente ligada a esse ideal, porém de forma prática, essa busca incansável que começa desde muito cedo na vida das mulheres, pode trazer na verdade, grande sofrimento.

Pois esse padrão de beleza não existe de forma realista, é sempre inatingível, o que pode se dizer que é uma batalha perdida desde o momento que começa, e que leva as mulheres a se sujeitarem a feitos muitas vezes prejudiciais, como: dietas, uso de produtos, cirurgias plásticas entre outros processos que podem acarretar problemas de saúde físicos e psicológicos, e que geram uma insatisfação em massa para todo um gênero, que é perpassada por um “culto à própria imagem e à busca da visibilidade perante o olhar masculino”(Miranda, 2010, p.11).

O que leva as mulheres a um processo difícil de ser identificado, pois em muitos casos corre a reprodução de ideias de forma tamanha, que não existe espaço para questionamento e reflexões, portanto, o processo de libertação fica ainda mais comprometido (SOUSA; SIRELLI, 2018). Contudo, todos esses feitos estão diretamente relacionados com o processo que coloca as mulheres em um local de objeto e de serem objetificadas, temos portanto, o conceito de objetificação que “consiste em analisar alguém no nível de um objeto, sem considerar seus atributos emocionais e psicológicos” (LOURENÇO, 2014, p. 5). É o que ocorre com a naturalização, estimulação e reprodução de vendas de alguns produtos masculinos, que passam a ideia de que ao os adquirirem, conquistarão de forma automática diversas mulheres, dando a ideia de que essas são objetos de fácil obtenção (SOUSA; SIRELLI, 2018).

Relacionado a objetificação decorrente de processos midiáticos e de pensamentos reproduzidos a nível social, ocorrem feitos como a desconsideração da negação de investidas masculinas, que ocorrem em forma de cantadas, assobios e até mesmo atitudes mais agressivas que podem chegar ao patamar de violência

sexual, ocorrência de estupros, entre outras atitudes que menosprezam as escolhas e o consentimento das mulheres (SOUSA; SIRELLI, 2018).

Ademais, outros exemplos de papéis sociais de gênero impostos socialmente e reforçado pela mídia do papel da mulher são: o direcionamento que os afazeres domésticos são dever apenas da mulher; a ideia de fragilidade perpetuada por filmes que mostram a mocinha indefesa que precisa ser salva por um homem; além do esperado comportamento recatado, que dificulta a vivência da sexualidade de forma livre (SOUSA; SIRELLI, 2018).

### **3.3 A arteterapia como potencialidade para trabalhar questões de gênero.**

Entendendo que a arteterapia tem seus benefícios quando usada como instrumento para tratar de diversos conteúdos, podemos então fazer um resgate a temática já apontada de forma preliminar da desigualdade de gênero e os desafios atrelados ao gênero feminino em uma sociedade onde “historicamente as mulheres sofrem com a naturalização e perpetuação de uma imagem inferiorizada, assimétrica em relação ao homem, que goza dos privilégios próprios da sociedade patriarcal” (SOUSA; SIRELLI, 2018, p.326).

Tendo como base então, as questões da desigualdade entre os gêneros e os impactos negativos direcionados para as mulheres, e considerando que a arteterapia, pode ser usada para trabalhar de forma benéfica diversas questões incluindo a temática de gênero, é viável vislumbrar intervenções utilizando do recurso arteterapêutico com mulheres de forma individual ou grupal para serem debatidas questões psicológicas relacionadas a desigualdade de gênero e suas vicissitudes.

A arte é um poderoso canal de expressão da subjetividade humana, que permite ao psicólogo e a seu cliente, seja ele um indivíduo, seja um grupo, acessar conteúdos emocionais e retrabalhá-los através da própria atividade artística. Uma grande diversidade de temas, desde traumas e conflitos emocionais, aspectos das relações interpessoais em um grupo, expectativas profissionais, gênero e sexualidade, identidade pessoal e coletiva, entre outros, podem ser abordados pelo psicólogo através da arte (REIS, 2014, p.144).

Considerando então a potência da arteterapia utilizada no contexto grupal, é possível inferir que um grupo utilizando de seus recursos tem uma potencialidade positiva se aplicada de fato em uma vivência grupal. Portanto, será feito a seguir uma explanação referente a algumas técnicas contempladas na arteterapia, sendo possível pensar sua utilização em grupos de mulheres voltados para questões relacionadas a desigualdade de gênero e dos papéis sociais de gêneros voltados para as mulheres na sociedade contemporânea.

### **3.4 Atividades da arteterapia, uma possibilidade de trabalhar questões que perpassam a vida das mulheres.**

A seguir, entraremos em contato com alguns recursos e atividades encontrados na arteterapia, a partir de uma contextualização já feita anteriormente de suas potencialidades, é visto que esses recursos podem ser utilizados nos desenvolvimentos de diversos grupos, porém como esse trabalho tem como foco as temáticas da desigualdade de gênero e dos papéis sociais de gênero voltados para a mulher na sociedade, aponto então que um grupo composto de mulheres que trate dessas temáticas é também uma possibilidade ao utilizar desses recursos. “Reconhecendo as próprias autoconfigurações, a mulher pode, usando diferentes materiais, ir velando uma cor e realçando outra com movimentos do pincel, diluindo pontos de tensão e figuras cristalizadas” (CIORNAI, 2004, p.154).

Ademais, esses grupos podem ser psicoeducativos, operativos ou terapêuticos por exemplo, o objetivo aqui é trazer uma perspectiva mais concreta de algumas das formas em que a arteterapia pode atuar, pois como vimos anteriormente, a mesma tem grandes potencialidades. Para mais, é imprescindível frisar que o trabalho em grupos utilizando da arteterapia não tem como foco as atividades da mesma, está é um recurso potente para desenvolver questões, mas o foco de fato é o grupo, suas particularidades e desenvolvimentos e é a partir do andamento do mesmo, que o profissional que o conduz pode se debruçar na grande gama de possibilidades que a arteterapia traz, mas tendo ela sempre como recurso, não como foco, pois afinal o foco do grupo é ele por si só e suas individualidades.

Para além, sobre essas técnicas que são possíveis de serem desenvolvidas na arteterapia, temos a pintura, que relacionada a arteterapia é indicada devido a facilidade de se operar, pois incentiva a criatividade e contribui para a liberação de



conteúdos, devido a experiência sensorial, com a cor e com o inesperado em movimentação, além de que a pintura deixa mais fácil o começo de processos e trabalha os sentimentos relacionados com as cores e texturas (PHILIPPINI, 2009).

Além disso, segundo Valladares et al. (2008), a pintura arteterapêutica contribui para a estabilização das emoções, ajudando na expressividade e ultrapassagem de bloqueios, medos, ansiedades, problemas, angústias, entendendo sua potência de criação e sustentando um relacionamento mais salutar com os outros e com si mesmo, mantendo uma autoestima.

Na pintura o uso da tinta de forma fluida tem uma potencialidade libertadora, além de contribuir com a movimentação de se soltar, expandir e desenvolver o relaxamento de mecanismos voltados para um controle defensivo, além de propiciar uma ótima forma de manifestar emoções (VALLADARES, 2008).

Além da pintura, outro recurso importante usado em arteterapia é a colagem, que segundo Miró (apud DUTRA, 2012), é a produção realizada com a utilização de instrumentos de várias texturas ou não, posicionas uma ao lado da outra ou superpostas, no desenvolvimento de uma figura ou motivo, além de ter como procedimento unir em uma imagem, outras de origens divergentes. Podem ser usados vários materiais para compor a colagem, como tipos diversos de papeis, revistas, jornais, tecidos, entre outros muitos materiais, além de ser uma opção para quem não tem facilidade com pitar ou desenhar.

Segundo Costa; Valladares (2020, p.1),

No que concerne ao efeito terapêutico da colagem, Philippini (2005) e Valladares (2008) aduzem que separar e juntar os cacos, reordená-los, descobrir outras significações, restaurar a unicidade e reviver a beleza presente nas novas ordenações, correspondem, subjetivamente, à vivência de cortes, rupturas, reparação e reorganização-estruturação.

Tendo em vista os expostos sobre a importância e contribuições que a pintura e a colagem propiciam, faz-se importante salientar que existem diversos outros recursos que podem ser utilizados dentro do universo que é a arteterapia, como o uso de mascaras, desenho, esculturas e uma infinidade de atividades que podem ser criadas a partir dos recursos artísticos, que vale frisar tem uma grande potencialidade para serem aplicados de forma individual ou grupal, e como já apontado

anteriormente, esses recursos podem ser de grande proveito também se utilizados em grupos que tenham como temática, questões como a desigualdade de gênero e dos papéis sociais de gênero voltados para as mulheres.

Quando cada integrante do grupo consegue expressar-se com maior liberdade e aceitação, construindo e produzindo um trabalho artístico que revela seu potencial criativo, ele adquire maior confiança em si. Pode então, interagir mais facilmente com o outro, favorecendo oportunidades que o ajudam a descobrir-se e revelar-se (CIORNAI, 2004, p.151).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluo diante dos expostos, que mesmo em uma sociedade contemporânea, ainda se perpetuem desigualdades de gênero e cobranças de papéis sociais voltados para o gênero feminino que está sujeito ao machismo e ao patriarcado presente na sociedade, que colocam as mulheres em um local de subordinação em relação aos homens. Podendo se comprovar esses apontamentos com a desigualdade entre os gêneros, que pode ser vista em dados que a comprovam, como a desigualdade salarial, o feminicídio e a maior taxa de violência sexual voltada para as mulheres.

Ademais, mesmo com conquistas e avanços reconhecidos historicamente como a participação na política e a possibilidade de tarefas diferentes de apenas cuidar da casa e dos filhos, ainda é direcionado essas atividades para as mulheres, mostrando a perpetuação de esperados papéis sociais de gênero voltadas para as mesmas. Ademais, pode se entender a mídia como um veículo reprodutor desses papéis sociais de gênero, que permanecem perpetuando a imagem das mulheres como indefesas e que precisam ser salvas, além de objetificar seus corpos, perpetuando um padrão da imagem feminina que é voltada para o agrado dos homens e que leva muitas vezes a práticas de procedimentos e uso de produtos que podem levar a prejuízos na saúde das mulheres de forma global.

Para mais, através da percepção desses diversos elementos que apontam dificuldades e pontos negativos das vivências das mulheres na sociedade contemporânea, o resgate da potencialidade da arteterapia em trabalhar de diversas questões, inclusive o gênero, faz se importante na busca de uma mudança do atual panorama encontrado. Tendo então o potencial da arteterapia em vista, foram

investigadas técnicas e recursos dela que podem contribuir para a elaboração de formas de trabalhar com o entrelaçamento da temática do gênero e seus papéis sociais, além de entender o potencial da elaboração de grupos utilizando da arteterapia para tal.

Além disso, esse trabalho dispõe de um potencial para a elaboração de intervenções de forma grupal ou individual. Portanto, é visto que existe uma potencialidade de através dessa produção, serem desenvolvidas de forma concreta essas intervenções.

Contudo, levando em consideração todo o desenrolar dessa escrita e recapitulando o objetivo principal da mesma, que é direcionado para a exploração das potencialidades da arteterapia como instrumento de caráter terapêutico e de elaborações de vivências para enfrentamento da desigualdade de gênero, entendo que o objetivo foi cumprido, obtendo a conclusão de que sim, é possível utilizar da arteterapia para tratar dessas questões e de muitas outras, pois como foi descoberto ao longo de leituras e estudos relacionados a arteterapia e ao gênero e as diversas discussões que o mesmo traz, foi possível identificar que a arteterapia é um recurso potente para trabalhar muitas temáticas, de forma individual ou mesmo grupal, sendo possível identificar entre essas temáticas, as relacionadas ao gênero.

## 5 REFERÊNCIAS

ARCURI, I. **Arteterapia de corpo e alma**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm)>. Acesso em: 10 jun. 2021.

CARVALHO, D. J. A conquista da cidadania feminina. **Revista Multidisciplinar da UNIESP**, n. 11, 2011.

CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia: Ateliê terapêutico, arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, arteterapia e história da arte**. 2 ed. São Paulo: Summus, 2004.

CONNELL, R. **Gênero: Uma perspectiva global**. Tradução: Raewyn Connel, Rebecca Pearse. 3. ed. São Paulo: nVersos, 2015. *E-book*.

COQUEIRO, N. F.; VIEIRA, F. R. R.; FREITAS, M. M. C. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. **Acta Paulista de Enfermagem**. São Paulo, v. 23, n. 6, pp. 859-862, 2010.

COSTA, P. S.; VALLADARES, A. C. A. Efeitos Terapêuticos da Colagem em Arteterapia nas Toxicomanias. Disponível em: <[https://serex2012.proec.ufg.br/up/399/o/PRISCILA\\_SOUSA\\_COSTA.pdf](https://serex2012.proec.ufg.br/up/399/o/PRISCILA_SOUSA_COSTA.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2021.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DRUMONT, M. P. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas**, São Paulo, v. 3, p. 81-85, 1980.

DUTRA, S. M. G. de C. **Falar e Ouvir com o Coração a Expressividade Silenciosa e Afetiva**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em arteterapia) – POMAR/SPEI, Rio de Janeiro, 2013.

FIGUEIREDO, P. 9% das mulheres brasileiras sofreram violência sexual alguma vez na vida, diz pesquisa de IBGE e Ministério da Saúde. **G1 SP**, São Paulo, 11 de mai. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/05/11/9percent-das-mulheres-brasileiras-sofreram-violencia-sexual-alguma-vez-na-vida-diz-pesquisa-de-ibge-e-ministerio-da-saude.ghtml>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

FINCO, D. Socialização de Gênero na Educação Infantil. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 8: CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8., 2008, Florianópolis, **Simpósios Temáticos** [...]. Florianópolis: UFSC, 2008.

FONSECA, P. M. da; LUCAS, T. N. S. **Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador, 2006.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário brasileiro de segurança pública 2020**. São Paulo, 2020. 331 f. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

FREITAS, A. C. T. A de. **O reflexo do sexismo nos brinquedos infantis: Como as crianças lidam com estes objetos estereotipados**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, Atlas, 2020.

GUEDES, M. Mulheres ganham 77,7% do salário dos homens no Brasil, diz IBGE. **CNN Brasil**, Rio de Janeiro, 04 de mar. de 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/2021/03/04/mulheres-ganham-77-7-dos-salarios-dos-homens-no-brasil-diz-ibge>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

JESUS, L. B. de. **Feminino, silêncio e arteterapia**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em arteterapia) – POMAR/SPEI, Rio de Janeiro, 2013.

LOURENÇO, A. C. S.; ARTEMENKO, N. P.; BRAGAGLIA, A. P. A “objetificação” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos. In: XIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 6., 2014, Vila Velha. **Anais** [...]. Vila Velha: Intercom, 2014.

MARTINS, D. de C. e S. **Arte-terapia e as potencialidades simbólicas e criativas dos mediadores artísticos**. 2012. 144 f. Tese (Mestrado em educação artística) – Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

MIRANDA, C. M. A construção do ideal de beleza feminina em comerciais de televisão. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA MÍDIA DA REGIÃO NORTE, 1., 2010, Palmas. **Anais eletrônico** [...]. Palmas: Alcar, 2010.

MORENO, M. **Como se Ensina a Ser Menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 3, p. 647-654, 2006.

NEUKIRCHEN, C. B. S. **Sou mulher, mas sou machista**. In: XIII SEMINÁRIO NACIONAL DE LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA, 2017, Cascavel. **Anais** [...]. Cascavel: UNIOESTE, 2017.

PHILIPPINI, A. **Linguagens e materiais expressivos em Arteterapia: uso, indicações e propriedades**. Rio de Janeiro: WAK, 2009.

REIS, A. C. dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. **Psicologia: ciência e profissão**. Santa Catarina, v. 34, n. 1, p. 142-157, 2014.

SANTOS, M. P.; PAIVA, T. E. B. Bibliotecas Universitárias e o ensino de fontes de informação: um relato de experiência. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 20., 2018, Salvador, BA. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, 2018.

SILVA, C. M. **A ética nas famílias contemporâneas: reflexões sobre o “ser” e o “outro ser” a partir dos filmes Abril despedaçado e Boyhood**. 1 ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021.

SIMÕES, É. de N. M. E. Contribuições da arteterapia no cuidado com mulheres em tratamento do câncer de mama. **Revista da abordagem gestáltica**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 239-240, 2010.

VALLADARES-TORRES, A. C. A. A pintura arteterapêutica como ferramenta de cuidado na assistência aos toxicômanos. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, v.14, n.14, p.19-39, 2012.